

## 7

**Referências bibliográficas**

ALMEIDA, O. T. Identidade nacional – algumas achegas ao debate português. Disponível em: <[http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/revista/5Sem\\_13.html](http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/revista/5Sem_13.html)>. Acesso em: 17 nov. 2008.

ANTUNES, A. L. **As Naus**. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

\_\_\_\_\_. Receita para me lerem. In: **Segundo livro de crônicas**. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

ARIES, P. Mesa redonda: A história – uma paixão nova. In: **A nova história**. Lisboa: Edições 70, 1984.

BEIRANTE, C. F. B. Aspectos gerais das narrativas de naufrágios. In: **Colóquio Literatura dos Descobrimentos / comunicações (colóquio realizado em 22 e 23 de Novembro de 1995 na Universidade Autónoma de Lisboa)**. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 1995.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994

BERARDINELLI, C. **Estudos Camonianos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BLANCO, M. L. **Conversas com António Lobo Antunes**. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

BORNHEIM, G. A Descoberta do Homem e do Mundo. In: NOVAES, A. (org.). **A Descoberta do Homem e do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CABRAL, M. V. Conteúdo e relevância da identidade nacional portuguesa. Disponível em: <[http://www.lettras.puc-rio.br/Catedra/Revista/9Sem\\_05.html](http://www.lettras.puc-rio.br/Catedra/Revista/9Sem_05.html)>. Acesso em: 27 nov. 2008.

CAMÕES, L. de. **Os Lusíadas**. São Paulo: Klick Editora, 2002.

CAMPOS, H. de. O que é mais importante: a escrita ou o escrito?. In: **Revista USP**. São Paulo: 15, 1992.

CERTEAU, M. de. **A escrita da História**. São Paulo: Forense-Universitária, 1982.

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

ENZENSBERGER, H. M. Cismas Portuguesas. In: **A Outra Europa, impressões de sete países europeus com um epílogo de 2003**. São Paulo: Companhia das Letras, s/d.

FURET, F. Da história-narrativa à história-problema. In: \_\_\_\_\_. **A oficina da história**. Lisboa: Gradiva, s/d.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1983.

LIMA, F. L. P. As naus: uma ficção de passado, presente e futuro. In: **Encontros Prodigiosos – Anais do XVII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa**. Belo Horizonte: FALE/UFMG e PUC Minas, 2001.

LOURENÇO, E. **A Europa desencantada – Para uma mitologia européia**. Lisboa: Visão, 1994.

\_\_\_\_\_. As descobertas como mito e o mito das Descobertas. In: **Colóquio Literatura dos Descobrimentos**. Comunicações Lisboa: UAL, 1997.

\_\_\_\_\_. Divagação em torno de Lobo Antunes. In: CABRAL, E. (org). **A Escrita e o Mundo em António Lobo Antunes**. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

\_\_\_\_\_. **Nós e a Europa ou as duas razões**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.

\_\_\_\_\_. **O Labirinto da Saudade**. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

LUÍS, S. B. O mundo de António Lobo Antunes em 12 partes. In: **Visão**. Lisboa: 26 de outubro de 2006.

MAGALHÃES, J. R. História de Portugal. In: MATTOSO, J. **História de Portugal – Volume III – No Alvorecer da Humanidade**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

MANSO, A. P. F. F. T. A face da ironia na (des)construção da identidade lusa em *As naus*, de Lobo Antunes. In: **Encontros Prodigiosos – Anais do XVII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa**. Belo Horizonte: FALE/UFMG e PUC Minas, 2001.

MATOS, M. V. L. de. **A lírica de Luís de Camões**. Lisboa: Editorial comunicação, 1994.

\_\_\_\_\_. **Introdução à poesia de Luís de Camões**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa / Ministério da Educação, 1992.

MENEGAZ, R. Na derrota de *As Naus*, de António Lobo Antunes, a imagem de um velho Portugal. In: (org.) MARGATO, I. **Figuras da Lusofonia: Cleonice Berardinelli**. Lisboa: Instituto Camões, 2002.

\_\_\_\_\_. Os Lusíadas, do livro à obra: a contribuição de Cesário Verde. Disponível em: <[http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/5Sem\\_22.html](http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/5Sem_22.html)>. Acesso em: 18 nov. 2008

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História nº 10**. São Paulo: CEDUC, 1993.

\_\_\_\_\_. O acontecimento e o historiador do presente. In: \_\_\_\_\_ et alii. **A nova história**. Lisboa: Edições 70, 1984.

\_\_\_\_\_. O retorno do fato. In: \_\_\_\_\_ e LE GOFF, J. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

OLINTO, H. K. **Reflexões sobre uma falsa dicotomia: Moderno/Pós-Moderno**. Florianópolis: Travessia, 31, 1996.

PAGEAUX, D. H. Uma escrita pós-moderna dos Descobrimentos: o romance *As Naus* de António Lobo Antunes. In: **Colóquio Literatura dos Descobrimentos**. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 1997.

PESSOA, F. **Mensagem e outros poemas afins**. Lisboa: Publicações Europa-América, s/d.

\_\_\_\_\_. **Mensagem**. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2008.

PORTELA, A. (entrev.). **Cardoso Pires por Cardoso Pires**. Lisboa: D. Quixote, 1991.

QUENTAL, A. de. Causas da Decadência dos Povos Peninsulares Nos Últimos Três Séculos. Disponível em: <<http://www.arqnet.pt/portal/discursos/maio01.html>>. Acesso em: 8 set. 2008.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**. São Paulo: Editora 34, 2005.

ROCHA, H. M. R. Utopia e distopia em Lobo Antunes. In: **Encontros Prodigiosos – Anais do XVII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa**. Belo Horizonte: FALE/UFMG e PUC Minas, 2001.

SANTIAGO, S. **Nas Malhas da Letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. O Narrador Pós-Moderno. In: **Literatura anos 80**. Revista do Brasil, ano 2, 1986.

SANTOS, B. de S. Entre Prospero e Caliban. IN: RAMALHO, M. I. & RIBEIRO, A. S. (orgs.) **Entre ser e estar – Raízes, Percursos e Discursos da Identidade**. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

SANTOS, R. C. dos. **Modos de Saber, Modos de Adoecer**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SCHMIDT, S. J. Sobre a escrita de histórias de literatura. Observações de um ponto de vista construtivista. In: OLINTO, H. K. (org.) **Histórias de literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

SEIXO, M. A. **Os Romances de António Lobo Antunes**. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

VIEIRA, A. Angola, o regresso. Disponível em: <[http://www.ala.nletras.com/livros/boa\\_tarde\\_as\\_coisas\\_aqui\\_em\\_baixo.htm#A\\_gripina%20Vieira](http://www.ala.nletras.com/livros/boa_tarde_as_coisas_aqui_em_baixo.htm#A_gripina%20Vieira)>. Acesso em: 2 nov. 2008

## 8

### Anexos

#### 8.1

#### Luís de Camões - *Os Lusíadas* (Canto IV)

‘Mas um velho, de aspeito venerando,  
Que ficava nas praias, entre a gente,  
Postos em nós os olhos, meneando  
Três vezes a cabeça, descontente,  
A voz pesada um pouco alevantando,  
Que nós no mar ouvimos claramente,  
Co’um saber só de experiências feito,  
Tais palavras tirou do experto peito:

- Ó glória de mandar, ó vã cobiça  
Desta vaidade a quem chamamos fama!  
Ó fraudulento gosto, que se atiça  
Co’uma aura popular, que honra te chama!  
Que castigo tamanho e que justiça  
Fazes no peito vão que muito te ama!  
Que mortes, que perigos, que tormentas,  
Que crueldades neles experimentas!

Dura inquietação da alma e da vida,  
Fonte de desamparos e adultérios,  
Sagaz consumidora conhecida  
De fazendas, de reinos e de impérios:  
Chamam-te iluste, chamam-te subida,  
Sendo digna de infames vitupérios;  
Chamam-te fama e glória soberana,

Nomes com quem se o povo néscio engana.

A que novos desastres determinas  
De levar estes reinos e esta gente?  
Que perigos, que mortes lhe destinas,  
Debaixo dalgum nome preminente?  
Que promessas de reinos e de minas  
De ouro, que lhe farás tão facilmente?  
Que famas lhe prometerás? Que histórias?  
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

Mas, ó tu, geração daquele insano  
Cujo pecado e desobediência  
Não somente do reino soberano  
Te pôs neste desterro e triste ausência,  
Mas inda doutro estado, mais que humano,  
Da quieta e da simples inocência,  
Idade de ouro, tanto te privou,  
Que na de ferro e de armas te deitou:

Já que nesta gostosa vaidade  
Tanto enlevas a leve fantasia,  
Já que à bruta crueza e feridade  
Puseste nome: esforço e valentia;  
Já que prezas em tanta quantidade  
O desprezo da vida, que devia  
De ser sempre estimada, pois que já  
Temeu tanto perdê-la quem a dá:

Não tens junto contigo o ismaelita,  
Com quem sempre terás guerras sobejas?  
Não segue ele do arábio a lei maldita,  
Se tu pela de Cristo só pelejas?  
Não tem cidades mil, terra infinita,

Se terras e riqueza mais desejas?  
 Não é ele por armas esforçado,  
 Se queres por vitórias ser louvado?  
 Deixas criar às portas o inimigo,  
 Por ires buscar outro de tão longe,  
 Por quem se despovoe o reino antigo,  
 Se enfraqueça e se vá deitando a longe;  
 Buscas o incerto e incógnito perigo  
 Por que a fama te exalte e te lisonje  
 Chamando-te senhor, com larga cópia,  
 Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia.

Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,  
 Nas ondas vela pôs em seco lenho!  
 Digno da eterna pena do profundo,  
 Se é justa a justa lei que sigo e tenho!  
 Nunca juízo algum alto e profundo  
 Nem cítara sonora ou vivo engenho,  
 Te dê por isso fama nem memória,  
 Mas contigo se acabe o nome e glória!

Trouxe o filho de Jápeto do céu  
 O fogo que ajuntou ao peito humano,  
 Fogo que o mundo em armas acendeu,  
 Em mortes, em desonras (grande engano!)  
 Quanto melhor nos fora, Prometeu,  
 E quanto para o mundo menos dano,  
 Que a tua estátua ilustre não tivera  
 Fogo de altos desejos que a movera!

Não cometera o moço miserando  
 O carro alto do pai, nem o ar vazio.  
 O grande arquitecto co'o filho dando,  
 Um, nome ao mar, e, o outro, fama ao rio.

Nenhum cometimento alto e nefando  
 Por fogo, ferro, água, calma e frio,  
 Deixa intentado a humana geração.  
 Mísera sorte! Estranha condição!” (ibid, 126-129).

## 8.2

### Luís de Camões - *Os Lusíadas* (Canto X)

‘No’ mais, Musa, no’ mais, que a lira tenho  
 Destemperada e a voz enrouquecida,  
 E não do canto, mas de ver que venho.  
 Cantar a gente surda e endurecida.  
 O favor com que mais se acende o engenho  
 Não no dá a pátria, não, que está metida.  
 No gosto da cobiça e na rudeza  
 Duma austera, apagada e vil tristeza.

E não sei por que influxo de destino  
 Não tem um ledor orgulho e geral gosto,  
 Que os ânimos levanta de contínuo  
 A ter para trabalhos ledor o rosto.  
 Por isso vós, ó Rei, que por divino  
 Conselho estais no régio sólio posto,  
 Olhai que sois (e vede as outras gentes)  
 Senhor só de vassallos excelentes.

Olhai que ledos vão, por várias vias,  
 Quais rompentes liões e bravos touros,  
 Dando os corpos a fomes e vigias,  
 A ferro, a fogo, a setas e pelouros,

A quentes regiões, a plagas frias,  
 A golpes de idolátras e de mouros,  
 A perigos incógnitos do mundo,  
 A naufrágios, a peixes, ao profundo.

Por vos servir, a tudo aparelhados;  
 De vós tão longe, sempre obedientes;  
 A quaisquer vossos ásperos mandados,  
 Sem dar reposta, prontos e contentes.  
 Só com saber que são de vós olhados,  
 Demónios infernais, negros e ardentes,  
 Cometerão convosco, e não duvido.  
 Que vencedor vos façam, não vencido.

Favorecei-os logo, e alegrai-os  
 Com a presença e leda humanidade;  
 De rigorosas leis desalivai-os,  
 Que assim se abre o caminho à santidade.  
 Os mais experimentados levantai-os,  
 Se, com a experiência, têm bondade.  
 Para vosso conselho, pois que sabem.  
 O como, o quando, e onde as cousas cabem.

Todos favorecei em seus ofícios,  
 Segundo têm das vidas o talento;  
 Tenham Religiosos exercícios  
 De rogarem, por vosso regimento,  
 Com jejuns, disciplina, pelos vícios  
 Comuns; toda ambição terão por vento,  
 Que o bom Religioso verdadeiro  
 Glória vã não pretende nem dinheiro.

Os Cavaleiros tende em muita estima,  
 Pois com seu sangue intrépido e fervente

Estendem não sòmente a Lei de cima,  
Mas inda vosso Império preminente.  
Pois aqueles que a tão remoto clima  
Vos vão servir, com passo diligente,  
Dous inimigos vencem: uns, os vivos,  
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

Fazei, Senhor, que nunca os admirados  
Alemães, Galos, Ítalos e Ingleses,  
Possam dizer que são pera mandados,  
Mais que pera mandar, os Portugueses.  
Tomai conselho só d'experimentados  
Que viram largos anos, largos meses,  
Que, posto que em cientes muito cabe.  
Mais em particular o experto sabe.

De Formião, filósofo elegante,  
Vereis como Anibal escarnecia,  
Quando das artes bélicas, diante  
Dele, com larga voz tratava e lia.  
A disciplina militar prestante  
Não se aprende, Senhor, na fantasia,  
Sonhando, imaginando ou estudando,  
Senão vendo, tratando e pelejando.” (288-290).